

Tratamento: Drogadicção

Paciente Jovem

O relato do caso abaixo demonstra uma invasão da mãe e do ambiente em relação ao estado de existir de um bebê, cujo adulto não reconhece seu atual estado de Ser. Houve um rompimento na linha de existir, que gerou “gaps” e vazio, preenchido pelas drogas na vida jovem.

Jovem de 20 anos. Recém chegado dos EUA, onde residiu durante três anos.

Desde então, usuário de maconha, depois cigarros, álcool e LSD, dois surtos alucinatórios por overdose. Olhar paralisado, aparência típica do caráter Esquizóide.

Este jovem sustentado pelos pais em uma condição financeira elevada trafica para consumir, ganhar mais dinheiro e manter a adrenalina. Ele não se vê sofrendo, nem vê o sofrimento coletivo. Vê qualquer condição humana apenas como um fato da vida.

Na linguagem dele o auge no padrão de Viver significa:

“Um cara que vive na dele. Só se preocupa com as coisas dele. Faz o que é bom pra ele. Ganha o dinheiro dele, viaja e conhece o mundo inteiro. Não segue tendências, tem estilo e linguagem própria, ganha cultura por experiência pratica e deve questionar a existência de Deus”.

Há um ano em tratamento, ainda resiste à psicoterapia, refugiando-se num silêncio colapsado, desorganizando-se em agenda, horários, e em qualidade de conteúdo psicológico.

Sua principal queixa, são as crises de ausência. Sintoma neuropsicológico, sem medicação adequada, porque ele acha normal esquecer, se perder, falhar.

Corporalmente, as pernas são hipotônicas, nos quadris se movimenta como um boneco, o que implica a ausência de contato com a sua sexualidade, o tronco é pequeno, cindido numa cintura fina, os olhos esbugalhados, a face não tem expressão viva.

Os pais são autodestrutivos e o sentido de vida humana na cultura desta família está no peso do dinheiro. Ele me contou certa vez: Meu pai é 99% dinheiro e 1% coração. A mãe é invasiva, superprotetora e ausente emocionalmente.

Não foi difícil saber que estava diante da clínica do desamparo. Do que Gilberto Safra chama de Fratura ética. Segundo ele, os sintomas são:

- 1) Mal estar do indivíduo que vai para além das questões psíquicas;
- 2) Rompimento com os Tecidos Sociais;
- 3) Rompimento com os Princípios éticos.

São duas as minhas hipóteses nesse caso que identificam a falta de cumprimento das tarefas primárias de integração e alojamento psíquico no soma - personalização.

A ausência de ambiente suficientemente bom se deu em função de este paciente, enquanto bebê ocupar o papel de suprir uma grave carência dos pais. Houve traição entre o casal, e para sanar o problema afetivo dos pais, nasceu um novo bebê para família, já composta de outros dois filhos.

Os pais se separaram logo após ele ir embora do país, numa ação judicial que levou anos pra finalizar, em função dos bens materiais.

Em entrevista com a mãe, ela afirmou que foi uma pessoa prisioneira de sua própria mãe, e do seu marido e que este filho ela entregou ao mundo para ele viver tudo que seria de bom, oferecendo-o num ritual de: “faça o que bem entender.”

A mãe fez um pacto com o bebê. Invadiu-o com uma sobrecarga de amor fantasioso, mas no íntimo doou-o para o mundo. E o adulto, se entregou a essa fantasia. Esse pacto produziu desamparo, aquilo que Winnicott chama de Não-Eu, um não existir, não sustentar-se, não ajustar-se, ou não sentir-se pertencente a si mesmo.

Desamparado, tudo que está fora de si mesmo, o sustenta. Incluindo drogas, medo, indiferença e mínima expectativa de vida a não ser a música.

Poucas vezes em terapia este paciente apresentou interesse em relação a si mesmo, quem dirá ao “outro”.

Isso porque não houve “o outro” – ou seja - a mãe suficientemente boa - na construção de sua subjetividade.

O ambiente falhou gravemente. Esta falha gerou o que Winnicott chama de – “split-off-intelect” – ou seja, teve que se assegurar na mente, enrijecendo-a para suportar a ausência de contato bom, impedindo-o de morar em si mesmo.

Tudo nele tem uma ausência. Isto é possível diagnosticar, em função de ele ter um corpo tamanho médio, mas usar roupas extra grande. o olhar é para baixo, para cima ou para o nada; este último olhar é o mais frequente. Com tendência ao caráter esquizóide, busca contato, mas tem medo, porque, o objeto não estava lá e qualquer pessoa que confiar pode repetir a falha.

Ele chegou até mim pela mãe que veio pedir ajuda.

Sem saber quase nada de si, ou de suas necessidades. Minha primeira função foi: Não invadi-lo, nem ficar de fora, mas tentar resgatar um saber dele mesmo.

Primeiro, porque ele já foi capaz de transgredir, de passar da linha limite. Ouvir sua história e sua biografia está no campo Ôntico. O usuário de drogas precisa descobrir o que significa VIVER além deste Vazio; reconstituir o “self” desamparado, habitar o que ficou totalmente desabitado. Este é o campo da transferência Ontológica.

Segundo, cuidar da doença, do Vício, é estar atento para integrar o espaço-tempo não representado mas que foi preenchido pela droga.

Do ponto de vista da Transferência Ontológica as referências são:

1) Estar em - 2) Estar diante – 3) Estar com.

Percebi que poderia “Estar Disponível” diante da fragmentação, estando presente no seu horário, esperando o que vem, sem inundá-lo, nem invadi-lo. Isso proporcionou confiar no ambiente. Ele falta, atrasa, não avisa, e na sessão seguinte eu “estou lá”, sem modificar minha atitude, permanecendo tranqüila e estável emocionalmente, apontando que essa atitude dele é uma falha para com ele mesmo. Isso o ajudou Estar em contato e confiar um pouco mais em mim.

O trabalho com esse paciente, segundo a Clínica PsicoBiodinâmica é de contato e integração.

Mas como mostrar para esse paciente sem história representacional e sem sentido de existir, qual é sua representação no mundo? qual é o sentido de sujeito? e qual o sentido de existir do outro!?

Sessão após sessão, eu observei como o corpo dele se apresentava. Ele se largava na poltrona, num descaso consigo. Comecei por uma referência Psicocorporal verbal a ajudá-lo a se organizar, mas isso durava até o final da sessão; na próxima ele já havia perdido o contato com o seu corpo.

Gerda Boyesen afirma ser comprometedor apoiar-se na terapêutica da massagem quando o paciente usa LSD, pois a energia se desloca muito rapidamente, por conta da “onda oceânica que carrega o corpo e se funde no cosmos.” Entre Soma e Psique – Pag. 35

Durante este tempo, ele relatou o fato da mãe ser invasiva, autodestrutiva, com crises de histeria, e tendência à vulgaridade. Reparar essas falhas maternas é uma tarefa árdua.

Iniciei tentando não me desqualificar como terapeuta diante de suas auto-agressões e crises de uso da droga. Encaminhei-o à psiquiatria, mas ele sozinho não

consegue ir; está na fase da dependência absoluta. E a mãe biológica não entendeu a necessidade de acompanhá-lo.

Observo que ele tem uma grande capacidade de simbolização e criatividade, embora isto venha misturado com os sintomas produzidos pela droga.

Quando o Ego está pouco estruturado, o uso de drogas que alteram o psiquismo é muito fantasioso e delirante, porém muito criativo.

Ele namora, falou que usou só 10% do que costumava usar em feriados longos; já há confiança, fala mais de si mesmo; quando chora, vem a dor de criança abandonada e invadida. Nestes momentos da terapia, eu, como terapeuta, procurava simplesmente estar presente e em contato com ele.

Em uma sessão, relatou que depois que saiu de uma balada, muito drogado, ele e um grupo de amigos cometeu Bulling contra um jovem médico que também estava na balada.

Foi a sessão mais difícil de sustentar a contratransferência, de estar com ele, pois - isso significaria ter que lidar com o que ele fez. Ele precisava compreender o tamanho da agressividade que cometeu pelo uso da droga, entender a si mesmo, sua violência, sua euforia pelo prazer de ser agressivo.

Naquela sessão, com bastante dificuldade acolhi a angústia que veio daquele fato, dei limite, criticando sua atitude. e foi excelente. Os atos de agressão, mesmo sendo menos graves sempre aparecem.

Apareceu a transferência negativa, ele faltou, veio para terapia sem vontade, com conteúdo vago. Apontei a resistência, e ele concordou que ninguém deu ou lhe dá limites, que ele sempre transgride todos. Mantive acolhimento pela agressividade e rebeldia, em ver aquele jovem, bonito e doce, confuso, perdido, usando droga pra se sentir vivo, e eu me sentindo impotente.

Por outro lado, Ser disponível, mesmo estando frustrada significa na Psicanálise de Winnicott e Gerda Boyesen como a exemplo da mãe, que pode sentir raiva, frustração pelo seu bebê, ou outra condição, mas mantêm-se na posição de não agredir o bebê e não fazer retaliações.

No processo terapêutico, também senti raiva pelo que ele fez. Mas sem destruí-lo. Fiquei atenta ao nível de quem está no comando do vínculo, re-configurando a posição ética dele em relação à vida, o espaço-tempo com os conteúdos e fatos que ele trás, nos conceitos de Winnicott com Contorno e Sustentação – Holding - oferecendo lugar para guardar tudo que está compreendendo sobre si mesmo – Alojando o psiquismo no corpo - Handling.

Ele não tem senso de valor instalado, faltou-lhe subjetividade. Meu lema com este paciente é tentar reparar a falha materna, oferecendo, como terapeuta, três razões para sua existência: O Mundo é bom, o mundo é belo, o mundo é verdadeiro.

Para que no futuro ele se reconheça e ao outro também, depois crie a Relação Formativa e Social.

No manejo, em algumas sessões em que se mostra mais organizado, deixo-o estendido no divã, para alcançar a livre associação corporal, apresentando a sensação de existir e morar em si, sentido as sensações psicofísicas, agora com mais grounding(contato) à sua posição no mundo.

Ainda tem “gaps-ausências”, e sentimentos destrutivos que quando aparecem, o torna usuário, às vezes em doses altas.

Propus que assistisse o filme Natureza Selvagem , cujo papel do personagem ele identificou com o seu existir, com uma grande diferença ele quer ter uma namorada, e morar em Nova York.

Ele sente e sofre um abandono e invasão de um falso amor das pessoas da família, e quer estar muito longe disso, ao mesmo tempo anseia morar em uma das maiores cidades do mundo. O que a meu ver garante não uma vontade de estar com pessoas, mas de manter seu vazio – no lugar onde maior numero de pessoas não irá conhecê-lo.

È a selva em pedras do filme Natureza Selvagem.

Chamei a mãe e ao expor o diagnóstico de seu filho ela me respondeu:

- “Eu tenho uma tarefa muito maior a fazer agora, (referindo-se a uma obra de construção de 1.000 m2) e não posso cuidar dele agora, se ele quer ir embora e se drogar, paciência”.

Senti-me impotente. Mas não demonstrei a ele: “ Ela não ama você”.

Continuo diariamente estando com ele e com sua vida trágica, até o dia em que ele abandonar a família – e ir embora para sua Nova York. , isto está muito perto.

Não torno as sessões triviais, nem provooco situações. A angústia dele é suficiente para ficar bipolar entre deprimir e ficar eufórico, usar droga, , diminuir o uso desta e sentir-se dependente. Sinto que o setting, a rotina, a seguridade de meu lugar tem ajudado muito.

No livro “entre psique e Soma – Introdução a Psicologia Biodinâmica – Gerda Boyesen, dedica uma capítulo ao LSD – ácido lisérgico.

Nele ela reflete sua pratica clinica com pacientes que usaram:

*“o LSD tem a viagem boa e a viagem ruim. A viagem boa é a descoberta da criatividade essencial, do sentimento oceânico, de ser parte com o universo.*

*O sentimento não é um sentimento de separação diz ela, mas a de se fundir com o cosmos. “O problema do uso de entorpecentes é que a droga leva o*

*individuo só para experiência cósmica, mas não o coloca em contato profundo com a vida.”*

*A fuga é para dentro da neurose e até da psicose, porque o usuário não quer ver a fraqueza, a tristeza, o medo, a ausência total de compaixão.*

*Tudo que precisamos é de uma força que venha do coração, sem ela enrijecemos e perdemos o contato, sem saber o que queremos da vida.*

O cuidado em atender este caso, tem sido uma descoberta da força-calma que a psicologia biodinâmica ensina em sua teoria, e que propicia ao paciente a descoberta de si mesmo, enquanto demonstro cuidado da terapeuta e reparação.

A estrada que terá que trilhar pode ser longa, com dificuldades; mas espero ter contribuído para que ele perceba novas e mais belas paisagens.